CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ALFABETIZAÇÃO E LEITURA DE MUNDO: aprendendo a ler, escrever a partir do lugar na Amazônia Marajoara

***Solange Pereira da Silva*[1]**

Eixo temático: 08

Resumo:

Este trabalho relata as experiências do projeto de ensino intitulado "Práticas pedagógicas inovadoras no reforço do processo de alfabetização das séries iniciais do Ensino Fundamental", aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Pará (UFPA)/CAPES (2022). A proposta está fundamentada na pedagogia histórico-crítica, por compreender a educação e a formação como um conjunto de mediações teóricas e práticas articuladas com a realidade social e cultural, defendendo a educação escolar como possibilidade de transformação social para o enfrentamento das contradições históricas. A ação pedagógica para a alfabetização está organizada por meio de fotografias e palavras geradoras, com foco nas relações entre ensinar e aprender através do diálogo e apreensão do conhecimento histórico entre o universal e o singular, promovendo assim uma diversidade de experiências que possam instrumentalizar os alunos a ler, escrever e se relacionar com as suas experiências *com* e *no* mundo em que habitam.

Palavras-chave: Alfabetização; leitura do lugar; ensino e aprendizagem; formação de professores.

Introdução

O texto trata das experiências desenvolvidas em uma escola do município de Breves, localizado na Ilha do Marajó/PA, através do projeto de alfabetização, leitura e escrita, "Práticas pedagógicas inovadoras no reforço do processo de alfabetização das séries iniciais do Ensino Fundamental", vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/UFPA). A opção pela abordagem da pedagogia histórico-crítica representa uma possiblidade de pensar o processo aquisição da leitura e da escrita articulado com a prática

[1] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Humanas/UFPA. Campus Universitário do Marajó/Breves/PA.

social desenvolvida no espaço escolar. Considera-se, a partir de Saviani (2013 p. 18), que alfabetizar representa o desafio de "[...] dominar os mecanismos próprios da linguagem escrita. Também aqui é preciso [...] fixar certos automatismos, incorporá-los, isto é, torná-los parte do nosso corpo, de nosso organismo, integrá-los em nosso próprio ser [...]". Para tanto, torna-se necessário reconhecer a dimensão ontológica do trabalho educativo, que, articulado com o conhecimento teórico e o processo de ensino e aprendizagem, cumpre o papel de possibilitar aos alunos a apropriação do saber, e torná-los, assim, agentes transformadores.

Dessa tarefa de ensinar, indica-se, com base em Saviani (2013), que os conteúdos da alfabetização não devem ser reduzidos às habilidades e competências; e as atividades não são um conjunto de atividades fragmentadas ou conteúdos inventados, pois, para a criança, apropriar-se de elemento tão rico da cultura torna-se fundamental, considerando o processo de alfabetizar em sua totalidade, que é o de articular o tratamento científico às exigências dos conteúdos e às práticas de ensino e aprendizagem.

Considera-se que o não empenho para a apropriação da leitura e da escrita pelas crianças nos primeiros anos de escolarização pode comprometer todos os níveis de ensino posterior das crianças, dos jovens e dos adultos. Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNDA Contínua), realizada entre 2019 e 2021, aumentou o número de crianças de 6 e 7 anos que não sabiam ler nem escrever, passando de 1,4 milhão, em 2019, para 2,4 milhões, em 2021. Destaca-se, neste percentual de crianças e adolescentes, alguma privação em relação ao direito à alfabetização dos estudantes residentes na Amazônia Legal, em específico no estado do Maranhão, com 7,2%, 5,9% no estado do Pará, sendo que a maior taxa de abandono está registrada no Norte do país (4,1%) (IBGE, 2019).

A desigualdade regional que distingue os sujeitos de direito ao acesso à escola e a sua permanência com qualidade deve ser objetivamente combatida. Essa tarefa exige pensar a democratização da alfabetização para além da reestruturação curricular da Educação Básica, por meio da nova Base Comum Curricular Nacional (BNCC, 2017), forjada com os grupos de empresários da educação, bem como a adoção das pedagogias das competências e habilidades para serem desenvolvidas em sala de aula.

Os ideólogos da BNCC alegam que a formação dos professores dentro das universidades é distanciada da realidade prática da sala de aula, e passaram a reforçar, no âmbito da formação continuada de professores alfabetizadores, o recuo à teoria e ao praticismo, pautado em concepções da neurociência, adoção de método fónico, aumentando assim o campo de atuação dos institutos privados (Fundação Lemam, Itaú, Airton Sena) na venda de pacotes para as prefeituras municipais, gerenciadas pelas plataformas a serviço do grande capital.

No município de Breves, a oferta da educação pública e as condições para a garantia da permanência dos alunos ainda não foram adquiridas. Um levantamento dos números da educação demostra que foram reprovados 37.899.4 mil, entre 2012 e 2019, nas séries iniciais de 1º a 5º. Contraditoriamente, entre 2020 e 2021, no período da pandemia da Covid-19, o município apresentava 99,99% de aprovação, e 0,1% de desistência ou evasão escolar. Contudo, a progressão automática dos alunos matriculados na rede sem a presença efetiva do trabalho do professor aprofundou as desigualdades de aprendizagem das crianças, e os resultados parciais demostram um índice elevado de crianças que não sabem ler, nem escrever, ou mesmo assinar o próprio nome.

Considerando as questões apresentadas acima, iniciou-se a implementação do projeto de reforço para crianças com dificuldade de leitura e escrita em uma escola do município de Breves, intitulado "Práticas pedagógicas inovadoras no reforço do processo de alfabetização das séries iniciais do Ensino Fundamental", aprovado pelo Pibid UFPA/CAPES 2022. O Projeto tem por objetivo desenvolver metodologias criativas para o ensino da leitura e da escrita e leitura de mundo, bem como criar vínculo concreto entre os discentes do curso de Pedagogia com o cotidiano das escolas públicas de Educação Básica.

Desta feita, o presente trabalho apresenta algumas atividades desenvolvidas na escola com alunos do terceiro ao quinto ano. O artigo está dividido nesta Introdução, duas seções e as considerações finais.

2. Alfabetização e prática pedagógicas para as séries iniciais do Ensino Fundamental

Com base na teoria pedagógica histórico-crítica, o currículo escolar é o conjunto de atividades essenciais desenvolvidas no ambiente escolar, sendo a língua materna o fim primeiro da educação escolar. Neste caso, a primeira atitude da escola, em conjunto com os professores alfabetizadores, é a escolha e seleção dos conteúdos que promovam o processo de alfabetizar irreversível ou de "segunda natureza" (SAVIANI, 2013). A leitura e a escrita devem ser concebidas como uma etapa inicial determinante, consecutivamente articulada às práticas sociais de leitura e escrita para serem vivenciadas.

Pensado em sua dimensão ontológica, o processo de alfabetizar exige sua articulação ao conjunto de conhecimentos históricos sociais, articulados com a diversas áreas do conhecimento, tais como a História, a Filosofia, a Psicologia, a Geografia, a Língua Portuguesa, a Linguística e a Política, sem submeter a uma linha divisória de métodos específicos ou mesmo conhecimento específico, como vem sendo hegemonicamente produzida pelas políticas oficiais de alfabetização.

Na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, o convertimento do saber teórico filosófico em saber escolar é fundamental para os alunos se apropriarem do conhecimento,

no qual se articulam a prática social como ponto de partida e de chagada. Conforme Saviani (2008, p. 56), a prática social "[...] é comum a professor e alunos. Entretanto, em relação a essa prática comum, o professor, assim como os alunos, pode se posicionar diferentemente enquanto agentes sociais diferenciados". Isto porque, embora o aluno tenha conhecimento e experiência da prática social, ainda é limitado ao conhecimento científico, assim como o professor não tem claro o nível de compreensão dos seus alunos.

Na etapa inicial da alfabetização, a criança se comunica por meio de palavras, expressando seu pensamento de mundo, do espaço dos objetos, que segundo Callai (2005, p. 32), são capazes de "[...] lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo, lendo as palavras". Nessa direção, é basilar oferecer para as crianças aprendizagens significativas, a fim de permitir que elas entendam a importância da escrita e da leitura para a viver em sociedade; portanto, as metodologias devem ser ricas de significações com signos e significados.

Resultados e discussões

A proposta do Projeto tem como ponto de partida e chegada o grupo de palavras geradoras produzidas por meio das fotografias retiradas de diferentes espaços geográficos. Todo o planejamento perpassa pela organização do ambiente alfabetizador, começando pelo cantinho da leitura, o quadro do tempo e dia da semana, apresentações das letras do sistema alfabético exposto na parede e do mural de fotografia com a palavra geradora.

Figura 1 - Mural de fotografia do lugar

Foto: Arquivo próprio da autora (2022).

As 12 fotografias expostas na Figura 1 foram retiradas do espaço geográfico de Breves, ou de produtos que podem ser consumidos pelos alunos, bem como de animais que habitam a selva da Savana africana. Todos as imagens representam um conjunto de signos

que provocam, aos olhos das crianças, uma significativa relação sujeito-objeto, forma, fundo, estimulando as possíveis respostas ao que o objeto representa para o seu convívio social, seja porque ele sabe a localização do espaço em que reside, ou porque consome o alimento representado pela imagem, ou porque consegue relacionar ao seu conhecimento de mundo.

O Mural formado pelas imagens e palavras foi reproduzido em miniatura e apresentado para os/as alunos/as. Compreende-se que as crianças já possuem informações sobre a escrita; e planejar as atividades problematizando sobre as imagens do lugar promove a curiosidade das crianças e facilita o processo de ensino e aprendizagem.

As atividades desenvolvidas pelo Projeto disponibilizam para cada criança um conjunto de imagens do mural e de letra móvel, em formato bastão e cursiva. A proposta é introduzir, por meio das fotografias, a identificação do lugar, ou nome das palavras de animais ou objetos, para então desenvolver a oralidade, considerando a estrutura silábica simples e complexa, a exemplo da fotografia com o nome da cidade **BREVES**, que está composta com **CCVCVC**.

Mesmo quando a criança não domina o padrão silábico e não reconhece as relações fonema-grafema, ela reconhece sem dificuldade a palavra *BREVES*, porque está ligada ao meio cultural em que habita. A problematização da palavra permite conhecer o significado social do nome, estimular a criança na identificação das letras, juntar as silabas, *BR*E/VES, pronunciar e escrever no caderno. A situação descrita exige da criança uma dupla abstração que se realiza pela relação estabelecida com o espaço habitado e com as ações mediadas de forma intencional com a representação da linguagem escrita.

Tendo em vista que essas mediações são organizadas pela ação intencional do adulto, as crianças podem se apropriar da relação entre os objetos e os significados histórico e social. As palavras e as fotografias do lugar ou objetos tornam-se um instrumento que irá facilitar a relação da escrita, com os sons, e a identificação das letras (grafemas). No Projeto, tem sido orientado, para apresentação da palavra, da imagem, sua função histórica e social, bem como a distinção das letras, chamadas de vogais, /**A/ /E/ /I/ /O/ / U/,** e as letras, chamadas de consoantes, /**B/ /C/ /D/ /E/ /F/ /G/ /H/ /I/ /J/ /K/ /L/ /M/ /N/ /P/ /Q/ /R/ /S/ /T/ /V/ /W/ /X/ /Z/,** visto que elas precisam estar articuladas para que haja a formação de palavras.

Com base em Cagliari (1998), o professor alfabetizador precisa conhecer intensamente o funcionamento da escrita, para ensinar a leitura e a escrita; o autor defende ainda que "[...] saber decifrar a escrita é o segredo da alfabetização. [...] Ele deverá fazer muitas coisas como professor e principalmente como educador. Mas ensinar a ler é a sua tarefa principal". (CAGLIARI 1998, p.130).

Ressalta-se que os últimos debates sobre alfabetização no Brasil fazem referência ao método fônico, apresentando como referência os possíveis avanços ocorridos nos Estados Unidos e na Europa. Retomou-se no cenário educacional antigas disputas pelos métodos de

ensino, que estão baseados no ideário da psicologia, ou construtivismo psicogenético, que desconhecem em grande parte os aspectos funcionais da linguagem (CAGLIARI, 1998).

Nesse sentido, uma possível alternativa para os alunos com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita seria a compreensão da alfabetização em uma perspectiva linguística. No Projeto em tela, tem sido orientado, na formação do bolsista do Pibid/2022, o estudo das letras a partir de Cagliari (1998, p. 125):

> Os nomes das letras são: a, bê, cê, cê-cedilha, dê, é, efe, gê, agá, i, jota, cá, ele, eme, ene, ô, pê, quê, erre, esse, tê, u, vê, dáblio, xis, ípsilon, zê. Notar que o nome da letra H não se escreve com H, o nome da letra K é com C (porque não se escrevem palavras comuns com K na nossa língua), no nome da letra W não aparece o som correspondente, nem no nome da letra Y. Isso mostra que no nosso sistema o princípio acrofônico não está mais presente em todas as letras. Mas isso acontece principalmente com letras de pouco uso, como K, W e Y; a letra H é exceção.

É importante ressaltar que quando não é dada a devida importância para o estudo da linguística, parece simples a tarefa de alfabetizar. Contudo, o professor alfabetizador precisa ter conhecimentos sólidos para conduzir o processo formativo, e a alfabetização deve ser compreendida como um espaço em que os encaminhamentos didáticos relativos ao ensino da leitura e da escrita estão vinculados diretamente às práticas sociais.

Na orientação do Projeto, ensina-se a partir da palavra geradora representada pela fotografia, para proceder a relação com o objeto de ação consciente e problematizadora. Ao distribuir a fotografia do açaí e palavra escrita para as crianças, são apresentadas algumas questões norteadoras para a problematização, visando a reflexão inicial o tema: “Qual a importância do açaí para vida de cada um de nós?”; “O açaí é um alimento, por quê?”; “Como é consumido?”; “Onde é comprado o açaí pronto?”; “Como o açaí chega na cidade?”; “Qual é o valor do litro de açaí?”; “Conhece alguma história do açaí?”

Ao apresentar a palavra ***/açaí/***, faz-se uso de outro instrumento de trabalho utilizado pelas pessoas para produzir o suco do açaí, que é a batedeira (nome dado para máquina, utilizada para produzir o suco). Ensina-se que os caroços do açaí são lavados em tanques ou bacia com água durante uns 30 minutos, depois são peneirados, é colocado em outro tanque de água, onde aguarda, até ser colocado na máquina que começa a bater utilizando água.

Figura 2 – Caroço do açaí e a batedeira

Fonte: Arquivo próprio da autora (2022).

Após a apresentação da palavra geradora e a problematização, segue-se a orientação para os alunos escreverem uma lista de palavras, organizarem desenho e escreverem de forma espontânea uma história sobre o açaí. Como os alunos têm dificuldades de ler e de escrever, espera-se que eles possam escrever o texto de maneira espontânea, utilizando dos seus conhecimentos, para depois proceder à orientação para a correção das palavras usando as letras móvel. Esse tipo de recurso precisa do direcionamento do professor, a fim de orientar e auxiliar na coerência e coesão da frase que será produzida, na correção das palavras e na valorização dos desenhos dos alunos.

Notem que todo o diálogo estabelecido leva à constatação de que é possível alfabetizar levando em consideração a prática social, instrumentalizando as crianças a entender a relação entre a leitura e a escrita das palavras e os conteúdos significativos. Quando as crianças são estimuladas a escreverem os próprios textos, elas assumem o papel de escritora e leitora ao mesmo tempo. Para Smolka (2012, p.13), "[...] nesse processo, a escrita integra o habitus e a possibilidade, a necessidade e o gosto (também forjados socialmente) da interação por escrito e ganham força na correspondência e no registro das experiências."

Verifica-se que o uso das palavras é cuidadosamente retirado de contexto histórico social significativo, para ser trabalhado em diferentes formas de atividades de alfabetização com as crianças. Inserido nesse diálogo, o professor elegerá o sentido clássico de alfabetização e apropriação do uso social da leitura, fazendo escolha de conteúdos que levam apropriação dos instrumentos de trabalho social, aumentando a possibilidade de uso de vocabulário com significado, e ampliando as possibilidades de vivência concreta.

Ao lançar mão de vários esquemas de ensino e aprendizagem no Projeto, compreende-se que as crianças podem apreender um modo de ser leitoras e escritoras, experimentando processos de leitura e escrita encontradas diariamente no seu cotidiano, fugindo dos padrões de livros didáticos, instrumentalizando-as a associar o uso da escrita a

diferentes funções sociais, estabelecidas por meio do conhecimento de objetos encontrados no espaço habitado.

Considerações finais

Considera-se que as atividades do Projeto de ensino em andamento estão constituídas de obstáculos, carecendo de aprofundamento teórico-metodológico mais consistente para firmar-se como proposta de alfabetização para as séries inciais. Contudo, busca-se construir um processo formativo amparado nos debates já produzidos para superação por incoporação de outras metodologias de ensino e aprendizagem que não reduzam o conhecimento desde a educação ao ensino superior às pedagogias das competências e habilidades.

No Projeto, defende-se que a alfabetização seja orientada pela teoria pedagogia histórico-crítica, na qual apreende o ensino e a aprendizagem através do diálogo e o conhecimento histórico, entre o universal e o singular, promovendo assim uma diversidade de experiências que possam instrumentalizar os alunos a ler, escrever e se relacionar com as suas experiências com e no mundo em que habitam.

Referências

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bo-bu**. São Paulo: Spcione, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 07 mar. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9221- Acesso em: 07 mar 2023.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Edição comemorativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção Educação Contemporânea, 11).